ENTRE EMOÇÕES E ESPACIALIDADES: PAISAGENS AFETIVAS NA VIVÊNCIA DO PESQUISADOR-MIGRANTE EM PORTO, PORTUGAL

BETWEEN EMOTIONS AND SPATIALITIES: AFFECTIVE LANDSCAPES IN THE EXPERIENCE OF THE MIGRANT RESEARCHER IN PORTO, PORTUGAL

ENTRE LAS EMOCIONES Y LA ESPACIALIDADES: PAISAJES AFECTIVOS EN LA EXPERIENCIA DEL INVESTIGADOR MIGRANTE EN OPORTO, PORTUGAL

10.56238/IIMultiCientifica-152

Astor Träsel Junior
Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Geografia
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
E-mail: astortrasel@gmail.com

Sônia Regina Romancini
Doutora e professora no Programa de Pós-graduação em Geografia
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
E-mail: soniaromancini2@gmail.com

Marcia Alves Soares da Silva
Doutora e professora no Programa de Pós-graduação em Geografia
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
E-mail: marcia.alves.geo@gmail.com

RESUMO
Os processos migratórios constituem uma dimensão estruturante das sociedades contemporâneas, impulsionados por motivações diversas que, no contexto urbano, envolvem desigualdades econômicas, vulnerabilidades socioespaciais e violações de direitos. A partir de uma leitura geográfica crítica sobre a migração transnacional e fundamentando-se nos debates das Geografias Emocionais, esta pesquisa objetivou analisar a experiência emocional e corporificada das dinâmicas migratórias no eixo Brasil-Portugal. Investigou-se, por meio de reflexões teórico-conceituais, dados empíricos, fotobiografias e abordagens geoetnográficas, a relação entre emoção, corpo e espaço, destacando a relevância das narrativas qualitativas para a apreensão de sentimentos como pertencimento, ansiedade, isolamento e adaptação. A empiria ancorou-se no relato autoetnográfico de mobilidade internacional vivenciado no Porto (Portugal) e em outros trajetos europeus percorridos pelo autor principal, atuando como observador participante imerso na condição de migrante transnacional. Os resultados evidenciaram como o ambiente físico e social afeta o corpo e a subjetividade, demonstrando que as emoções, oscilando entre confortos, desconfortos, reclusão e expansão, funcionam como respostas cognitivas e espaciais aos processos de alteridade. Concluiu-se que a vivência transnacional, embora marcada por ambiguidades, constituiu um vetor de trocas culturais e ressignificação territorial, consolidando a dimensão afetivo-emocional como categoria analítica fundamental para os estudos geográficos da mobilidade contemporânea.

Palavras-chave: Geografia das Emoções. Geoetnografia. Portugal. Migração Transnacional.

ABSTRACT
Migration processes constitute a structuring dimension of contemporary societies, driven by diverse motivations that, in the urban context, involve economic inequalities, socio-spatial vulnerabilities, and human rights violations. Based on a critical geographical reading of transnational migration and grounded in the debates of Emotional Geographies, this research aimed to analyze the emotional and embodied experience of migratory dynamics along the Brazil-Portugal axis. Through theoretical-conceptual reflections, empirical data, photobiographies, and geoethnographic approaches, the relationship between emotion, body, and space was investigated, highlighting the relevance of qualitative narratives for understanding feelings such as belonging, anxiety, isolation, and adaptation. The empirical data was anchored in the autoethnographic account of international mobility experienced in Porto (Portugal) and other European routes traveled by the main author, acting as a participant observer immersed in the condition of a transnational migrant. The results highlighted how the physical and social environment affects the body and subjectivity, demonstrating that emotions, oscillating between comfort, discomfort, seclusion, and expansion, function as cognitive and spatial responses to processes of otherness. It was concluded that transnational experience, although marked by ambiguities, constituted a vector of cultural exchange and territorial re-signification, consolidating the affective-emotional dimension as a fundamental analytical category for geographical studies of contemporary mobility.

Keywords: Geography of Emotions. Geoethnography. Portugal. Transnational Migration.

RESUMEN
Los procesos migratorios constituyen una dimensión estructurante de las sociedades contemporáneas, impulsados por diversas motivaciones que, en el contexto urbano, implican desigualdades económicas, vulnerabilidades socioespaciales y violaciones de derechos humanos. Partiendo de una lectura geográfica crítica de la migración transnacional y fundamentada en los debates de las Geografías Emocionales, esta investigación tuvo como objetivo analizar la experiencia emocional y corporal de las dinámicas migratorias a lo largo del eje Brasil-Portugal. Mediante reflexiones teórico-conceptuales, datos empíricos, fotobiografías y enfoques geoetnográficos, se investigó la relación entre emoción, cuerpo y espacio, destacando la relevancia de las narrativas cualitativas para comprender sentimientos como la pertenencia, la ansiedad, el aislamiento y la adaptación. Los datos empíricos se basaron en el relato autoetnográfico de la movilidad internacional vivida en Oporto (Portugal) y otras rutas europeas por la autora principal, quien actuó como observadora participante inmersa en la condición de migrante transnacional. Los resultados destacaron cómo el entorno físico y social afecta al cuerpo y la subjetividad, demostrando que las emociones, que oscilan entre el bienestar, el malestar, el aislamiento y la expansión, funcionan como respuestas cognitivas y espaciales a procesos de alteridad. Se concluyó que la experiencia transnacional, si bien marcada por ambigüedades, constituyó un vector de intercambio cultural y de reasignación territorial, consolidando la dimensión afectivo-emocional como una categoría analítica fundamental para los estudios geográficos de la movilidad contemporánea.

Palabras clave: Geografía de las Emociones. Geoetnografía. Portugal. Migración Transnacional.

1 INTRODUÇÃO

Os processos migratórios constituem uma dimensão estruturante e constitutiva da história humana, assumindo contornos de grande complexidade nas sociedades contemporâneas. Longe de se reduzirem a meros fluxos populacionais ou estatísticas demográficas, os deslocamentos espaciais são impulsionados por múltiplas motivações que se entrecruzam nas escalas local, nacional e global. No contexto vertiginoso das grandes cidades e metrópoles, esses movimentos são frequentemente tensionados por desigualdades econômicas profundas, vulnerabilidades socioespaciais, violações sistemáticas de direitos humanos e crises de degradação ambiental. Na perspectiva teórica de Saskia Sassen (2016), tais dinâmicas não devem ser lidas apenas como fluxos espontâneos de atração e repulsão, mas sim como verdadeiras "expulsões" sistemáticas, lógicas globais de exclusão que extirpam sujeitos de seus territórios de origem e os arremessam para as margens do cotidiano urbano.

Por outro lado, compreende-se que o fenômeno migratório não se esgota na dimensão da violência e da precarização. Ele carrega, em simultâneo, a busca ativa por novas oportunidades, a emancipação pessoal e o desejo de reconstrução da existência. A experiência do deslocamento pode, portanto, constituir um vetor de abertura e potência, viabilizando o surgimento de novos modos de ser, sentir e estar no mundo. É nessa encruzilhada entre as forças de constrangimento e a capacidade de agência do migrante que os territórios se ressignificam e novas espacialidades são tecidas.

Nesse horizonte, conforme salientam Anderson e Smith (2001), as reflexões sobre os processos migratórios emergem como uma temática central e premente no campo das Geografias Emocionais (ou Geografia das Emoções). Afinal, as vivências corporais e afeto-emocionais associadas às demandas de migração, exílio, adaptação, integração e reassentamento atravessam diretamente a produção e o consumo do espaço. O corpo do migrante, ao circular por geografias estranhas ou familiares, torna-se a primeira escala da experiência geográfica, tornando a dimensão emocional um objeto fundamental de investigação científica para a apreensão das dinâmicas socioespaciais contemporâneas.

Diante do exposto, fundamentando-se em uma leitura geográfica crítica e sensível sobre o fenômeno da migração transnacional, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a dimensão emocional da experiência migratória contemporânea no eixo Brasil-Portugal a partir da perspectiva autoetnográfica e situada do próprio pesquisador enquanto sujeito em deslocamento, à luz dos aportes teóricos das Geografias Emocionais.

Para alcançar o objetivo central, a pesquisa desdobrou-se em três eixos específicos. Primeiramente, buscou-se investigar de que modo as emoções são corporificadas e territorializadas nos

espaços de trânsito, chegada e permanência ao longo do percurso transnacional. Em segundo lugar, pretendeu-se compreender a articulação da tríade emoção-corpo-espaço a partir do resgate reflexivo da vivência do pesquisador-migrante, tomando a própria experiência de mobilidade como corpo analítico. Por fim, propôs-se aplicar e tensionar o uso de metodologias qualitativas, autoetnográficas e visuais, especificamente a fotobiografia e a geoetnografia, como recursos capazes de apreender, registrar e traduzir as espacialidades emocionais e os afetos no campo da Geografia.

Para fundamentar essa proposta e apresentar os caminhos trilhados, o presente trabalho organiza-se da seguinte forma: a seção a seguir dedica-se à revisão de literatura, na qual são articulados os debates centrais das Geografias Emocionais com as teorias contemporâneas sobre migração transnacional, mobilidade e territorialidade. Sequencialmente, apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados, seguidos da apresentação e discussão dos resultados empírico-analíticos e, por fim, das considerações finais.

Do ponto de vista epistemológico e operacional, esta investigação filia-se à abordagem qualitativa, fundamentando-se no cruzamento entre a observação participante, a autoetnografia e o trabalho de campo de caráter empírico-sensível. A centralidade metodológica reside na vivência *in situ* do próprio pesquisador enquanto sujeito-migrante em Portugal, cuja experiência corporal, subjetiva e emocional constitui o solo primário sobre o qual a apreensão científica dos fenômenos socioespaciais se realiza. Longe de representar um mero contorno egóico, a opção pela autoetnografia assume-se aqui como uma postura ético-política e metodológica crítica: reconhece-se o corpo do pesquisador como o principal sítio de ressonância das espacialidades emocionais e das assimetrias inerentes ao trânsito transnacional.

Nesse prisma, a pesquisa adota a geoetnografia como um dos pilares de sustentação da coleta e análise dos dados. Conforme postula Souza (2014), a geoetnografia transcende a simples descrição espacial, exigindo do pesquisador uma sensibilidade aguçada e um olhar aberto às multiplicidades de significados impregnados nos lugares. Trata-se de uma postura investigativa em que o pesquisador imerge no ambiente estudado, articulando saberes, trajetórias individuais, informações territoriais e paisagens. A grande potência desse método reside no fato de que "[...] a possibilidade da observação participante permite ao investigador explorar a experiência geográfica através do seu próprio corpo" (Souza, 2014, p. 161). O corpo do pesquisador converte-se, assim, em um instrumento ético, político e analítico de mediação entre a escala do sujeito e a escala do espaço urbano.

Complementarmente, a dimensão visual e narrativa é operacionalizada por meio da fotobiografia. Segundo a perspectiva de Bruno (2010), o ato fotográfico permite identificar vestígios de emoções, sensibilidades e fragilidades contidas nos fragmentos cotidianos de uma existência singular. O registro fotográfico opera como um catalisador de memórias pessoais e familiares que, ao ganharem forma de imagem, evocam significados profundos sobre a territorialidade e o pertencimento. As imagens não são tratadas aqui como meras ilustrações estáticas, mas como vetores capazes de tecer uma historicidade que entrelaça emoção, memória e espaço.

A eficácia analítica da fotobiografia reside justamente na sua capacidade de costurar a representação visual à narrativa textual. Como argumentam Klingorová e Gökariksel (2019), essa combinação metodológica permite visibilizar como elementos aparentes da infraestrutura cotidiana, tais como uma porta, um degrau, um banco de praça ou uma estação de transporte público, desprovidos de valor monumental, tornam-se lugares impregnados de densa intensidade emocional e afetiva para o migrante.

Por fim, para registrar a fluidez e a dinamicidade dos deslocamentos na escala pedestre e urbana, a pesquisa faz uso dos métodos móveis (*mobile methods*) (Büscher; Veloso, 2018). A apreensão empírica apoia-se na triangulação entre três dispositivos práticos e interligados: o diário de campo reflexivo: instrumento de registro das impressões imediatas, desconfortos, percepções sensoriais e insights teóricos provocados pela imersão espacial cotidianamente vivenciada; a fotografia *via smartphone*: recurso prático, portátil e não intrusivo, voltado para a captura instantânea de microesferas de fricção, desorientação ou acolhimento na paisagem urbana; a corporeidade em movimento: a própria caminhada e a presença corporal *in situ* como gesto analítico, percorrendo itinerários habituais e aleatórios entre os lugares de trânsito, permanência e refúgio.

A integração desses instrumentos gera a base empírica sobre a qual se desenvolve a interpretação dos dados. O corpus analítico é submetido a uma interpretação hermenêutica e narrativa, na qual as imagens capturadas e os fragmentos dos diários e tensionados à luz do referencial teórico das Geografias Emocionais.

A seção a seguir desdobra este percurso ao apresentar a narrativa autoetnográfica do autor, entrelaçando texto e fotografia como caminhos para a compreensão dos afetos e das espacialidades no contexto transnacional.

2 DESENVOLVIMENTO

A Geografia Emocional investiga como as emoções são afetadas pelo ambiente físico, incluindo clima, relevo, a paisagem natural ou construída, e como essas emoções podem afetar a forma como interagimos e nos relacionamos com os espaços que ocupamos, bem como as relações interpessoais. Além disso, estuda os fatores sociais, como cultura, história, a identidade e o pertencimento a um sujeito ougrupo social. É um campo novo e que está em constante evolução e descobrimento, com o potencial de fornecer valiosas respostas sobre como os ambientes físicos e sociais afetam nosso bem-estar emocional e psicológico. Podemos dizer que essas emoções aparecem quando acontecem esses encontros e interações, moldando assim o habitar, o agir e o se apropriar dos espaços.

Esses encontros e interações são essenciais para a dinamização dos afetos através dos corpos. O sujeito que entra num determinado espaço, vive ali um dinamismo afetivo ao qual começa a interagir, assim, a troca evidencia sensações e emoções através do corpo e mente. Porém, não devemos tratar essa geografia apenas como afetos dos sujeitos, temos também outros corpos, modelos ou conjuntos de ideias que podem ser transmutados para essa configuração do afeto.

Essas emoções não são apenas positivas, temos o lado negativo da história. Essas ações, geram reações, assim como sentimentos e emoções que o habitar o mundo traz no sujeito, ao qual está sob análise. Aqui falaremos do sujeito migratório,neste caso o estudante que realiza essa pesquisa de iniciação científica, que viveu aexperiência da migração em Portugal, entre setembro de 2022 e fevereiro de 2023. Essa emoção incorporada e circulante, resultado da trajetória de vida dos migrantes, é incorporada na discussão das experiências emocionais dos sujeitos nesse processo, fazendo com que os objetos dessa narrativa como as pessoas, lugares, objetos, biografias e histórias, sejam parte fundamental desse conjunto dialético.

A emoção faz parte da vida cotidiana do ser humano, como área a ser explorada e cada vez mais investigada por cientistas da área de humanas e saúde. Alguns conceitos são bem quistos pela sociedade científica, assim como Barbalet's (apud Boccagni; Baldassar; 2015) que traz a definição de emoção como "uma experiência de envolvimento" que "se registra no ser físico e deposicional [da pessoa]", sendo que o mais importante disso é a "relação social".As emoções pertencem a um domínio intrapessoal, psíquico e corpóreo, assim fazendo com que esses sentimentos em relação aos espaços habitados, vividos e experienciados sejam através do social e intercorpóreo.

Essa resposta cognitiva que surge através das emoções tem como ponto de partida esses encontros e redescobrimentos do ambiente, o corpo reencontrandoseu espaço e assim gerando

sensações (positivas ou negativas) e assim podendo fazer com que a construções dessa narrativa seja de interações e trocas entresujeito e espaço, num paradigma dos processos migratórios.

Boccagni e Baldassar (2015) afirmam que as experiências de vida dos migrantes e o processo de migração oferecem um campo rico, complexo e pouco examinado para a pesquisa social sobre a emoção. As pesquisas disponíveis apontam para a condição emocional do migrante como complexa e multifacetada, sendo relevante na emoção para o debate sobre a integração, identidade e pertencimento dos imigrantes. Pesquisas comparativas, multimétodos e interdisciplinares sobre migração e emoção, tem sido realizada no campo das chamadas Geografias Emocionais, dadas as importantes intersecções desses campos.

Essas discussões sobre a migração transnacional entram como parte condicionante e agregam aos estudos das ciências sociais sobre a geografia das emoções. Outro ponto fundamental são as fases desse processo migratório, que é caracterizado por algumas transformações que envolve a transmissão, reprodução e evolução das emoções em relação ao pertencimento naquele lugar e a identificação do espaço e da sua "casa".

Essa migração transnacional é um tipo de migração onde as pessoas se deslocam de um país ao outro, mantendo laços sociais, econômicos e culturais com ambos os países. Assim a geografia das emoções pode ter um papel importante na compreensão da experiência emocional de migrantes, especialmente em situações de migração transnacional. Por ser um processo emocionalmente difícil, envolvendo sentimentos de saudade, ansiedade, medo, estresse, isolamento, solidão, entre outros sentimentos, a geografia das emoções pode ajudar a entender essas relações com o ambiente físico e social em que esses sujeitos se encontram e como essas emoções podem afetar a relação com o ambiente.

Sob essa perspectiva, o foco recai sobre a migração enquanto fenômeno humano que perpassa territórios e conecta diferentes atores e dinâmicas transnacionais. Diferente de categorias como "imigrante", "emigrante" ou "estrangeiro", a noção de migrante nos estimula a refletir sobre como o deslocamento e a mobilidade são tão inerentes à condição humana quanto o estabelecimento, a permanência e o enraizamento em um lugar.

Por exemplo, a pesquisa em geografia das emoções mostra a forma como percebemos e nos relacionamos com os espaços físicos. Um migrante podese sentir desconfortável ou inseguro em um novo ambiente devido à falta familiaridade com o ambiente, à ausência de pertencimento àquele espaço e ao grupo social em que está inserido, as barreiras linguísticas e culturais daquele local. Além disso o

estigma da discriminação sofrido pelos migrantes pode gerar outros tipos de emoções, como injustiça, raiva e tristeza.

A possibilidade de viver e/ou começar uma nova vida em um outro país podecriar algumas expectativas positivas e a esperança de um novo lugar para construir novas relações sociais e afetivas.

A partir desse escopo, foi realizado um levantamento de todo material que foi obtido e o desenvolvimento das análises geoetnográficas e fotobiográficas, para assim fazer a elaboração das discussões da pesquisa. Acrescentamos alguns outros estudos sobre "migração, geografia e emoção" e assim complementar toda essa discussão.

Christou (2011) aponta a relevância de análises qualitativas e o uso da narrativa nos estudos de migração, que podem dar ênfase em novos caminhos de mobilidade para dar conta das dimensões incorporadas e emocionais da migração e da migração de retorno. Interrogando as narrativas migratórias ao longo da vida, a pesquisadora examinou o contexto emocionalmente incorporado de pertencimento e exclusão e explorou como emoções, desejos e ligações íntimas moldam as mobilidades, enfatizando sobre as jornadas emocionais nas decisões e experiências de migração/relocação. As histórias de vida do participante servem como fragmentos de uma vida diaspórica, refletindo como as construções imaginativas de pertencimento são negociadas nos encontros cotidianos nos países de origem e de acolhimento.

Pensando a proposta metodológica qualitativa, a pesquisa tem como foco o uso da geoetnografia e da fotobiografia, a partir da experiência pessoal do pesquisador em questão, que vivenciou a experiência da migração em Portugal.

De acordo com Souza (2014), a geoetnografia consiste na capacidade e a sensibilidade do olhar do pesquisador em buscar resultados qualitativos. Caracteriza-se pela vivência do pesquisador com o ambiente pesquisado. É preciso um olhar curioso, penetrante, aberto a significados diferentes, articulando saberes e pessoas, informações e lugares.

O termo geo-narrativa também é empregado. Pesquisadores apontam a criação de etnografias com fins geográficos, com o objetivo de entender como os grupos sociais apropriam-se do espaço (Paiva et al, 2017). Para os autores, é preciso incluir a observação direta e participante, na necessidade de abordar as dinâmicas vividas do espaço. "A geoetnografia emerge enquanto uma contraposição de uma análise geográfica alicerçada numa visão de cima, com uma abordagem etnográfica ancorada numa visão a partir do terreno" (Paiva et al, 2017, p. 7-8).

De acordo com Bruno (2010), por meio das fotografias descobrir traços e vestígios de emoções, sensibilidades, sentimentos, fragmentos da vida de uma pessoa ímpar, é possível fazer a construção de uma historicidade que une emoção, memória e espacialidade. Nesse sentido, também utilizaremos a proposta da **fotobiografia** ou **autofotografia**, nesse caso aqui utilizaremos a fotobiografia. As fotobiografias procuraram mostrar como as pessoas constroem suas histórias, por meio de suas memórias e, a partir de um detalhe do registro fotográfico, revelando um tipo de registro de memória pessoal e familiar, que se concretiza sobre a forma de imagem e evoca as próprias imagens (Bruno, 2010).

Os autores apontam a combinação de fotografias com entrevistas, sendo um método para estudar as geografias emocionais cotidianas produzindo dados visuaise textuais, a partir da elucidação de fotografias. Tal proposta mostra o papel ativo que os participantes desempenham na definição de lugares que gostariam de trazer para a pesquisa.

Para operacionalizar essa proposta e apreender a densidade dos afetos que atravessam o deslocamento, faz-se necessário adotar um percurso metodológico que reconheça o pesquisador não apenas como observador distante, mas como corpo vibrante e sujeito imerso no próprio campo empírico. A seção a seguir detalha as escolhas procedimentais, os instrumentos de registro das vivências e os caminhos analíticos adotados para transformar a experiência vivida em reflexão geográfica.

2.1 FOTOBIOGRAFIA COMO TEORIA

Para complementar a narrativa aqui desenvolvida, incorpora-se a esta discussão um recurso fundamental para a representação e a inteligibilidade dos fenômenos analisados. Para traduzir as múltiplas paisagens e lugares percorridos, vivenciados e sentidos ao longo da experiência de migração transnacional, a fotografia emerge como um potente dispositivo metodológico. Viabilizada pelo uso do *smartphone*, ferramenta cotidiana inserida no escopo dos métodos móveis (*mobile methods*) (Büscher; Veloso, 2018), a prática fotográfica potencializa o debate sobre a vida cotidiana, a paisagem e o lugar. Articulada às emoções, essa abordagem viabiliza a investigação das conexões entre o sujeito e o espaço, registrando com densidade a vivência do pesquisador.

Nesse horizonte, a observação participante fundamenta a produção de um reflexivo *corpus* empírico marcado pela fotobiografia (Klingorová; Gökariksel, 2019). Essa modalidade de representação visual evidencia a perspectiva e os estados afetivo-emocionais do pesquisador no próprio

ato do registro. Como método, a fotobiografia busca elucidar as complexidades do fenômeno migratório, tornando-o tangível ao leitor por meio do entrelaçamento entre narrativas textuais e visuais.

Assim, para além de figurar como mera ilustração do deslocamento transnacional, a fotografia apresenta-se impregnada de sensibilidades, afetos e memórias. Ela atua na construção da historicidade e da dimensão singular da pesquisa, tecida pelo diálogo entre a imagem e o relato da experiência vivida. A apreensão da espacialidade desses processos sociais, pautados pelo movimento, pela mobilidade e pelo estar imerso no cotidiano urbano, reforça o propósito de apreender a Geografia das Emoções por meio da fotobiografia.

Nesta investigação, a fotobiografia atua como um catalisador da reflexão, traduzindo visualmente as geografias pessoais e os sentimentos suscitados pelos itinerários percorridos. Com uma estética singular ancorada no trabalho de campo, o registro fotográfico captura a caminhada por paisagens e territórios, alguns dos quais marcados pela familiaridade pública, de modo a evocar no leitor uma ressonância sensível e crítica. Uma vez coligidas as imagens, procede-se a uma interpretação minuciosa e analítica que articula emoção, espaço e teoria.

Para compor esse painel analítico, foram selecionadas 10 fotografias representativas do percurso vivenciado ao longo de cinco meses de mobilidade internacional na cidade do Porto, Portugal. O acervo inclui também registros capturados em outros itinerários europeus percorridos durante esse período, integrados de forma a não intervir nos compromissos acadêmicos do pesquisador na universidade. As imagens foram criteriosamente escolhidas para conferir coerência à narrativa empírica, demonstrando o potencial dos lugares em suscitar e moldar espacialidades emocionais.

A análise das dez fotografias selecionadas e dos registros do diário de campo não se deu de forma isolada, mas por meio de um movimento de triangulação hermenêutica entre imagem, narrativa autoetnográfica e teoria geográfica. A leitura do material empírico foi estruturada em três momentos analíticos complementares: **Decomposição Sensorial da Imagem:** Num primeiro momento, analisa-se o elemento visível e infraestrutural capturado pelo *smartphone* (a arquitetura, as escalas do espaço público, os fluxos de pessoas, os elementos do transporte ou da paisagem urbana). **Ressonância Afetiva (O Diário de Campo):** Em seguida, resgata-se a atmosfera emocional associada ao instante do registro. Investigam-se as sensações corporais inscritas naquele momento, como a desorientação diante do desconhecido, o conforto do pertencimento, a solidão do pedestre estrangeiro ou o deslumbre da descoberta. **Análise Teórica e Espacial:** Por fim, a experiência visual e emocional é tensionada à luz dos conceitos das Geografias Emocionais. A imagem deixa de ser um fragmento pessoal e converte-

se em categoria geográfica, revelando como a infraestrutura cotidiana é ressignificada pelo corpo do migrante.

Assim, a vivência dos espaços visitados na cidade do Porto e em outros percursos europeus desdobra-se em duas dinâmicas espaciais centrais: os lugares de trânsito e atrito (espaços de passagem, estações, ruas desconhecidas, onde sobressaem emoções de alteridade e adaptação) e os lugares de ancoragem e refúgio (espaços onde o corpo desacelera, reconhece a paisagem e estabelece laços provisórios de pertencimento e casa).

2.2 OBSERVAÇÕES GEOETNOGRÁFICA

A partir daqui, será apresentado um relato da experiência de Mobilidade Internacional vivida na cidade do Porto – Portugal, como resultado da pesquisa,onde as relações sociais, emocionais e presenciais foram vividas em outro país como migrante transnacional. Foi a partir da cidade de origem – Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, para a realização de uma Mobilidade Internacional (Graduação Sanduíche) oferecida pela Secretaria de Relações Internacionais (SECRI) da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, por um período de cinco meses na Universidade do Porto, localizada no concelho do Porto, em Portugal.

Esse processo se deu início em março de 2022, quando o edital foi aberto e assim realizada a inscrição. Todo esse processo ocorreu entre março e setembro deste mesmo ano, até a partida e o início das aulas em 12 de setembro 2022, um processo que gerou ansiedade e muita espera pela saída do visto pela Embaixada de Portugal em Brasília. Nesse período ainda de preparação muitas emoções foram aparecendo, surgindo como umfator essencial para a nova etapa que estava se aproximando. A dúvida do visto, se iria dar certo ou não, também gerou ansiedade na espera. Quando saiu o visto, veio a preparação para a viagem. Como nunca tinha realizado uma viagem internacional, a preocupação era maior com relação ao que levar, o que seria importante no tempo que eu ficaria lá, e onde iria ficar.

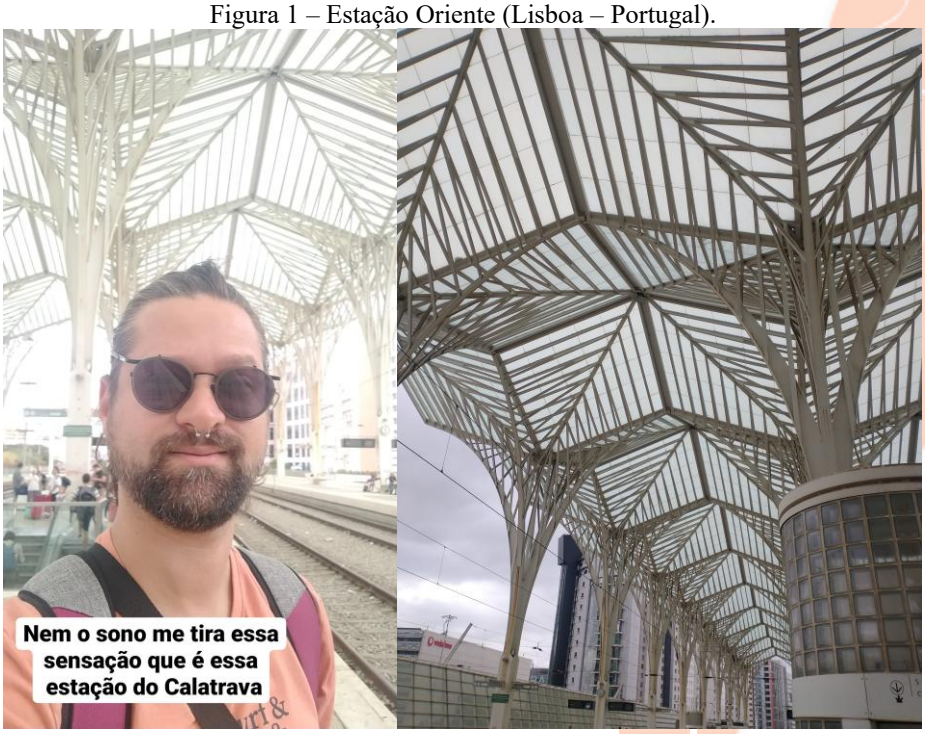
A ansiedade é um sentimento muito presente em nosso contexto, em especial, na experiência pós-pandemia Covid-19, que gerou um desencadeamento de muitas fobias e sensações até então desconhecidas do corpo e da mente. Porém a ansiedade ela é necessária para a nossa vida, o que também nos move a realizar asatividades do dia a dia, porém quando ela afeta fisicamente o corpo e nos paralisa a ponto de não nos deixar fazer o que se tem para fazer, é onde se tem o problema. Entendendo tal questão, foi preciso controlar a ansiedade e a viagem ocorreu conforme o planejado. As experiências aeroportuárias, no avião, de transporte para um novo país, mesmo que o idioma não

fosse um obstáculo, ainda sim é uma outra cultura, um outro país, completamente diferentes do nosso hábito diário, da nossa realidade, nossos laços, nossa territorialidade.

A chegada, muito esperada e feliz, trouxe uma mistura de excitação, ânimo e alegria que se juntou ao cansaço físico por não ter conseguido dormir no avião. Além disso, havia o medo e o receio de estar em um espaço totalmente desconhecido, sozinho e ainda ter um longo percurso a percorrer. Do Aeroporto de Lisboa, carregando duas malas e uma mochila, eu ainda precisava ir para a Gare do Oriente (ou Estação do Oriente – Figura 01) para pegar o comboio (trem) até a cidade do Porto, em uma viagem de cerca de três horas e meia rumo ao norte do país.

Ali a emoção começou a aparecer. A estação foi projetada por Santiago Calatrava, arquiteto espanhol reconhecido mundialmente por seus projetos, como o Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro. Sua estrutura lembra um bosque de árvores metálicas que compõem a cobertura da estação intermodal, ligando autocarro (ônibus), metrô e comboio (trem), sendo um local muito movimentado e popular em Lisboa.

Figura 1 – Estação Oriente (Lisboa – Portugal).



Fonte: Fotografias feitas pelo Autor (2022).

Toda a área oferece integração com vários outros transportes públicos, incluindo acesso direto à estação de metrô do Oriente, uma rodoviária para viagens de médio e longo curso e o Centro

Comercial Vasco da Gama. Hoje em dia, é uma das mais importantes estações da cidade, de onde partem diariamente comboios para as principais cidades portuguesas, como Faro, Albufeira, Évora, Coimbra e Porto. Daqui também saem os principais comboios para quem deseja visitar a Torre Eiffel, em Paris, ou nossos vizinhos em Madri.

O cansaço e a exaustão foi tomando conta do corpo: sono, fome, entre outras sensações e emoções como a curiosidade com a paisagem, com o comboio, com o idioma, com a chuva que caia no trajeto, até a chegada em Porto na Estação Campanhã. Muitas novidades, anseios, surpresas, medos, entusiasmo, sono, fome, tudo junto num curto período e espaço de tempo.

Muitas coisas foram vivenciadas durante os cinco meses em Porto. A adaptação com o local de morada na residência, com a alimentação, o clima, o sistema de transporte, nome das ruas, a faculdade, as aulas, os horários, entre outras adaptações que era necessário para o tempo em que estaria ali vivendo. Muitas emoções foram vividas, experimentadas e até descobertas. Os momentos sozinhos, era um misto de paz e solidão, mas não uma solidão ruim, depressiva, esim de experiência nova, de solitude, de isolamento, reclusão, por estar longe das pessoas que estava habituado estar, do lugar que estava habituado a viver, daforma como estava acostumado a conviver, mas as vezes batia um certo desespero de não tem pra onde correr. Sensações diferentes que a ansiedade teve que ser controlada com muita respiração e distrações, para não piorar ainda mais os sintomas.

As primeiras impressões e trocas nas relações sociais e culturais experimentadas naquele espaço veio com muito entusiasmo, observação, interessee curiosidade. As ruas, as casas, o comércio, o trânsito, o transporte, os espaços públicos, praças, árvores, fontes, estátuas, igrejas com azulejos portugueses, o ar fresco da cidade, a modernização de algumas funções como o cartão de “autocarro” (ônibus) e metro (metrô), até o cartão da Universidade do Porto que seria importantepara algumas coisas como registrar a presença nas aulas, abrir a porta da minha residência, do meu corredor, como também para lavar roupa na lavanderia. Experiências ainda não vividas e que trouxe um certo fascínio com a inovação e tecnologia.

A Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde o curso de Geografia faz parte, é um prédio razoavelmente recente, com uma estrutura da década de 90, com alguns pavimentos e corredores, passarelas, terraços, “esplanadas” (espaços abertos e de convívio) nas áreas comuns do prédio, biblioteca, cantina, refeitório, e conta com uma residência para alunos estrangeiros também. Máquinas de café e *snacks* espalhados pela faculdade, que parecia mais um “castelo” medieval moderno.

Iniciar as aulas, o convívio com outros alunos portugueses e outros de outros países, foi uma experiência incrível de comunicação. Às vezes sem entender, as vezes tendo que falar devagar, ou arranhar um inglês para conseguir se comunicar, foi algo que saiu da zona de conforto. Sensações de fracasso e vergonha por não falar outros idiomas, por não conseguir se comunicar, experiências que poderiam servividas se a comunicação fosse possível, bloqueadas e sem trocas. Porém, sem cobrar muito de nós mesmos, devemos ir até onde alcançamos, nosso limite e nossas limitações são algo a serem explorados também, com respeito e sinceridade para que nada saia muito fora do que se tem para viver.

Amizades foram essenciais, as trocas interpessoais, características sensoriais ainda não experimentadas surgiram ali, naquelas primeiras semanas de aulas e aprendizados, com os professores e alguns colegas. Paciência, humildade e aprendizado foram algumas das palavras que nortearam esse período em Porto.

As viagens incríveis foram que deu o ânimo e a satisfação de estar realizandotudo aquilo. Sensações de gratidão, pertencimento, exploração, realização de sonhos, desejos, de vida, em lugares que nunca tinha imaginado em estar, vivenciar,experimentar. Cidades como Londres, Paris, Roma, Madrid, Barcelona, Lisboa foramalgumas das cidades as quais tive o prazer de conhecer e explorar.

E a partida, como toda etapa tem começo, meio e fim, essa experiência também teve um final. Muitas sensações foram surgindo a partir do momento em que a volta estava chegando. O tempo para se adaptar ao ambiente e depois ter quedeixá-lo é muito estranho no contexto da vivência. Adaptação ao frio, inverno, e voltar pra Cuiabá em pleno verão, chuvoso e quente, é um choque imenso no corpoe nas sensações. Ter que deixar algumas amizades que foram construídas em pouco tempo também traz uma sensação de tristeza e saudade.

2.3 FOTOBIOGRAFIA EM PRÁTICA

As Estações - A figura 02 é da **Estação Ferroviária de São Bento** no Porto, Portugal. Ela se localiza no coração do concelho do Porto (como são chamados os conjuntos de freguesias em Portugal), no centro histórico que é reconhecido como Patrimônio Cultural da Humanidade (desde 1996) pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura *(United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization),* junto com outros inúmeros monumentos históricos na cidade que integram esse centro de Porto e Vila Nova de Gaia, freguesia que se encontra do outro lado do rio Douro. Essa fotografia foi selecionada para representar as várias estações visitadas,

percorridas entre partidas e chegadas. Nas estações, sejam elas de “comboios” (como são chamados os trens em Portugal), de “autocarros” (ônibus em Portugal), metro, ou mesmo outros transportes que foram necessários para percorrer esses caminhos incríveis de descobertas, conhecimentos, histórias, belezas e movimento. Os primeiros contatos ao chegar e sair desses locais são os aeroportos e as estações, que levam consigo o poder de transportar sonhos em realidade.

As Pontes – A figura 03 é a **Ponte D. Luis I**, inaugurada em 1886, essa que é uma das mais bonitas e representativas pontes de Portugal para o mundo. Cartão postal da cidade, tem sua história e sua relevância até os dias atuais, sua estrutura metálica se destaca na paisagem ligando o sul de Porto e o norte de Vila Nova de Gaia. Projeto do engenheiro Théophile Seyrig, que foi um dos alunos e sócio de Gustave Eiffel, que já tinha construído a ponte Dona Maria Pia também no Porto em 1877. Hoje o tabuleiro inferior é para automóveis e pedestres, e o tabuleiro superior para pedestres e o metro (lê-se métro), ligando os dois concelhos. Atualmente, existem 6 pontes principais que ligam a cidade do Porto a Vila Nova de Gaia sobre o rio Douro. As pontes fazem essa conexão com os lugares, são de extrema importância para os núcleos urbanos de todo o mundo e faz-se necessário representá-lo aqui como uma das fotografias selecionadas. Além da beleza estética, seu passeio sobre o tabuleiro superior e a vista de toda a paisagem de ambos os lados, o pôr do sol ao final da tarde, tem seus encantos e muitas emoções geradas.

Figura 2 e 3– Estação São Bento (Porto) e Ponte D. Luis I (Porto).



Fonte: Fotografias feitas pelo Autor (2022).

As Igrejas – A figura 04 é da **Catedral de Santiago de Compostela**, na cidade de mesmo nome, capital da Galícia (ou Galiza) – noroeste da Espanha. Esse lugar despertou muitas emoções e sensações, desde estranheza, serenidade e paz. Devido ao seu patrimônio histórico, cultural e monumental, a cidade de Santiago de Compostela ganhou o título de Patrimônio Mundial pela UNESCO em 1985. A igreja com sua arquitetura barroca, é muito famosa no mundo por seus peregrinos e sua religiosidade, onde marca o fim da peregrinação de cristãos. De todos os lugares percorridos onde cruzou-se com uma igreja e a religiosidade, Santiago de Compostela foi a que mais impressionou, tem uma magia que chega a ser mística.

As Rochas - A figura 05 é do **Passeio Geológico da Foz do Douro**, no litoral do concelho do Porto. Nesse local se encontra um geossítio que permite observar rochas metamórficas de 500 milhões de anos em seus estágios de erosão, deformação e meteorização, fazendo com que esse complexo científico, educativo e geoturístico seja classificado como Patrimônio Natural Municipal. Se pensarmos na imensidão das formações rochosas do planeta que estão em constante movimento a bilhões de anos? A geomorfologia dentro da geografia nos mostra a grandeza e a magnitude dessas evoluções e transformações. É assim com a natureza, é assim com a história, é assim com nossas emoções durante nossa evolução.

Figura 4 e 5 – Catedral de Santiago de Compostela (Galícia - Espanha) e Passeio Geológico da Foz do Douro (Porto).



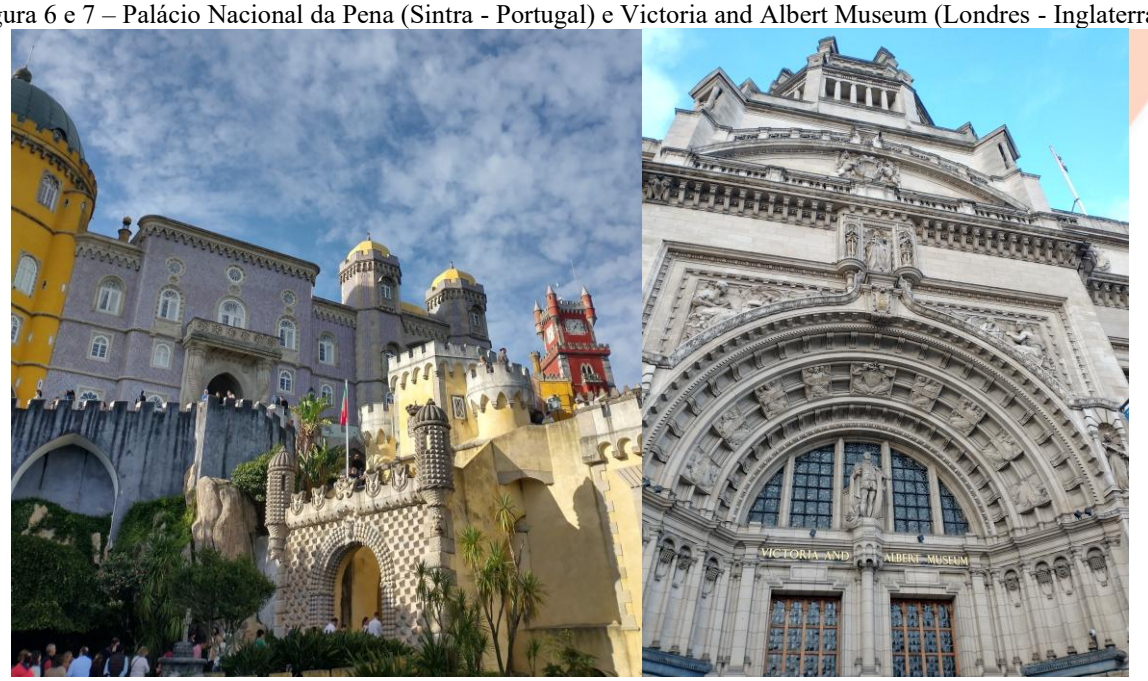
Fonte: Fotografias feitas pelo Autor (2022).

Os Castelos e Palácios – Na figura 06 é uma fotografia do **Palácio Nacional da Pena**, localizado no conselho de Sintra, próximo a capital Lisboa. Sintra é reconhecida como Paisagem

Cultural, inscrito em 1995 como Patrimônio Mundial da Humanidade na UNESCO, devido ao seu valor pré-histórico e histórico, natural, paisagístico, etnológico e arquitetônico. São encontrados castelos e palácios que foram conquistados e reconquistados, sofrendo reformas e modificações ao longo do tempo. Essa fotografia representa os vários outros exemplares de castelos e palácios encontrados em Portugal, sua importância na história e riqueza representada e solidificada na exploração das suas colônias, como o Brasil. É nossas riquezas roubadas além-mar, numa busca por poder, ascensão, ganância e sangue. Muitas emoções surgiram nesse lugar que transpira imponência e grandiosidade.

Os Museus – Na figura 07, representada pelo ***Victória and Albert Museum***, localizado em Londres, Reino Unido, foi um dos museus visitados. Dos que foram visitados, esse tem um destaque por sua imponência e seu acervo, além de quadros, estátuas e artefatos, muitas outras riquezas da história do mundo, muita história foi trazida de outras regiões do mundo para aquele museu, tornando-o importante para Londres. Ambientes como museus são locais de um imenso afloramento de estímulos, emoções e reações diante de obras que contam histórias e que são únicas. Algumas obras, muitas vezes, que foram estudados nos livros e que nunca imaginasse ver diante dos olhos, sendo esses espaços muito relevantes para preservação da nossa história.

Figura 6 e 7 – Palácio Nacional da Pena (Sintra - Portugal) e Victoria and Albert Museum (Londres - Inglaterra).



Fonte: Fotografias feitas pelo Autor (2022).

A Tour Eiffel – A figura 08 é representada pela **Torre Eiffel**, coração da cidade de Paris, na França. Construída em ferro treliçado forjado, tem esse nome devido a empresa de engenharia do então Gustave Eiffel, proprietário, em 1987 a 1989 para a Exposição Universal de 1989 em Paris, hoje é considerada Patrimônio Mundial pela UNESCO. Essa fotografia foi escolhida por representar a sua grandiosidade, e sua representatividade nos dias de hoje. Ícone de Paris, a torre é um dos 10 monumentos mais visitados no mundo, e se tornou um símbolo da história da França. As sensações de se estar próximo a torre são indescritíveis, somente estando próximo a ela para explorar essas emoções.

A Arquitetura – Na figura 09, foi escolhida uma fotografia que representasse um pouco da arquitetura, e nada mais icônico que as obras do arquiteto espanhol Antoni Gaudí, em Barcelona. A **Casa Milà**, mais conhecida por *La Pedreira*, entre outras obras (Casa Batlló, Parque Güell e Sagrada Família) de Gaudí em Barcelona, representam uma arquitetura única e biomórfica. Essas obras são reconhecidas como Patrimônio Mundial pela UNESCO. As várias representações da arquitetura percorridas nos lugares visitados, sejam elas clássicas, góticas, renascentistas, românicas, barrocas, neoclássicas, neogóticas, arte nouveau e déco, modernos e contemporâneos, a arquitetura de Gaudí tem suas particularidades e se destaca. É uma arquitetura artística, quase que como se tivesse feito à mão, aos mínimos detalhes, expressando uma verdadeira obra de arte, e são nessas emoções que embarcasse ao visitar lugares com uma arquitetura única e singular.

Figura 8 e 9 – Torre Eiffel (Paris - França) e a Casa Milà (La Pedreira - Barcelona).



Fonte: Fotografias feitas pelo Autor (2022).

As Cidades – Aqui representada pela figura 10, a **Praça do Comércio**, também conhecido como Terreiro do Paço em Lisboa, é o coração da cidade. Porta de entrada e saída dessa jornada de migração transnacional por Portugal, representa todas as cidades visitadas. O urbano representado por esses espaços geográficos tão únicos e significantes para este trabalho. Somente as cidades são capazes de proporcionar essas singulares trocas de estímulos e emoções ao percorrê-las. Em constante movimento e transformações, era visível nas cidades "gruas" (guindaste para transporte vertical de materiais em canteiro de obras) no horizonte, que remetem essas mudanças ainda nos dias de hoje. O Porto, cidade em que o pesquisador migrante percorreu em minuciosos passos durante os cinco meses da mobilidade internacional tem sua relevância através de signos em sua vida, memória, história e trajetória. Uma cidade que ficou marcada nas emoções desse migrante.

As Pessoas – Na figura 11, para representar as pessoas que o pesquisador conviveu e teve contato durante esse período de migração, foi importante para entender toda essa experiência de emoções vividas. Toda essa experiência não seria possível sem as pessoas que estiveram junto em muitos momentos, seja na universidade, no dia a dia, nos passeios e nas viagens, algumas pessoas foram fundamentais para que todos os caminhos percorridos fossem possíveis. As amizades cultivadas, algumas fortalecidas, revisitadas, únicas e sentidas, que ficaram na história e na memória desse migrante. Medos, inseguranças, felicidades, surpresas, brigas, atritos, estranheza, comunicações, conexões, cansaço, risadas, sono, aprendizados, e muitas outras emoções vividas e experimentadas com pessoas a volta, são alguns desses sentimentos desvendados através dos acontecimentos.

Figura 10 e 11 – Praça do Comércio (Lisboa) e as amizades no Coliseu (Roma - Itália).



Fonte: Fotografias feitas pelo Autor (2022).

Voltando ao que Bruno (2010) fala sobre o tema, a fotobiografia ela é construída em cima da "montagem" desse conjunto de imagens e suas palavras para constituir frases que possam contar uma história. Num recorte a autora diz que "ora através de imagens, ora de palavras ou de ambas, e o modo cognitivo e a dimensão estética de cada um desses suportes oferecidos em "termos" e "figuras" de eclosão, construção e configuração dessas histórias de vida" (Bruno, 2010, p.31).

3 CONSIDERAÇÕES

É possível analisar a experiência da migração transnacional sob a perspectiva da Geografia das Emoções. Para investigar como o corpo inserido *in situ* e explorar esses afetos e sentimentos, adotou-se como caminho metodológico a geoetnografia e a fotobiografia. A realidade do migrante transnacional ultrapassa a mera alegria de vivenciar um novo contexto, idealização frequentemente associada à vida na Europa, revelando uma trajetória repleta de percalços. O cotidiano de solitude, embora por vezes amedrontador, é gradativamente ressignificado por novos estímulos. A apreensão dessas emoções por meio do ambiente e do corpo em deslocamento por espaços não habituais revela processos conflitantes e, em muitos momentos, paralisantes.

Apesar da fotografia ser uma representação visual estática, é por meio dela que se articulam as conexões entre a narrativa e a dimensão textual. Essa história de vida se materializa no percurso do próprio pesquisador pelas paisagens do espaço urbano, registrando a experiência à medida que ela se desenrola por meio de imagens, análises e reflexões sobre o que se torna visível. Assim, busca-se estabelecer um diálogo com o leitor e despertar a sua própria sensibilidade emotiva.

As histórias assemelham-se ao ar: conferem significado e, a cada relato, compõem o fragmento de um mosaico em permanente mutação. Mesmo diante do avanço tecnológico contemporâneo, persistem incertezas e indagações fundamentais. A ciência busca continuamente compreender o funcionamento do mundo, integrando subjetividade, afetividade e lógica, afinal, é sobretudo por meio da experimentação que o novo se torna possível.

O trabalho teve como grandes desafios ao definir a metodologia, pois no plano de trabalho a intenção era a pesquisa alcançar os alunos da UFMT que fizeram esse movimento de mobilidade internacional em Portugal. Dentro desse escopo conseguimos definir melhor a metodologia e ressalvar as características mais relevantes para a pesquisa no campo da geografia emocional, buscando outras metodologias que se encaixassem e dispensando a entrevista que foi proposta no plano de trabalho inicial. Assim pudemos realizar o trabalho com êxito e satisfatório.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Kay; SMITH, Susan. **Editorial: Emotional Geographies.** Transactions of the Institute of British Geographers. Volume 26, Issue 1, March 2001, p. 7-10. Disponível em: https://doi.org/10.1111/1475-5661.00002**.** Acesso em: 20 jul. 2023.

BOCCAGNI, Paolo; BALDASSAR, Loretta. **Emotions on the move: Mapping the emergent field of emotion and migration. Emotion, Space and Society**. Volume 16, August 2015, Pages 73-80. Disponível em: DOI: 10.1016/j.emospa.2015.06.009. Acesso em: 14 set. 2022.

BRUNO, Fabiana. **Fotobiografia: por uma metodologia da estética em antropologia**. RESGATE - Vol. XVIII, No. 19 - jan./jul. 2010, p. 27-45. [https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645677/12977]

BÜSCHER, Monika; VELOSO, Leticia. **Métodos Móveis.** Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 30, n. 2, p. 133-151. May-Aug. 2018. Disponível em: https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.142258. Acesso em: 20 jul. 2023.

CHRISTOU, Anastasia. **Narrating lives in (e)motion: Embodiment, belongingness and displacement in diasporic spaces of home and return. Emotion, Space and Society**.Volume 4, Issue 4, November 2011, Pages 249-257. Disponível em: DOI:10.1016/j.emospa.2011.06.007. Acesso em: 20 jul. 2023.

KLINGOROVÁ, K; GÖKARIKSEL, B. **Auto-photographic study of everyday emotional geographies**. Area. 2019, p. 1– 11. Disponível em: DOI: https://doi.org/10.1111/area.12537. Acesso em: 13 set. 2023.

LIMA, Manolita C.; SILVA, Claudia C. dos S.; TORINI, Danilo M.. **Métodos móveis no contexto do paradigma das novas mobilidades**. Escola Superior de Propaganda e Marketing –ESPM. Internext - Revista Eletrônica de Negócios Internacionais | São Paulo, v.14, n. 2, p. 145-160, mai./ago. 2019. Disponível em: DOI: https://doi.org/10.18568/internext.v14i2.533. Acesso em 20 jul. 2023.

PAIVA, Daniel et al. **A criação de geoetnografias como metodologia para o estudo dos ritmos urbanos. Uma aplicação no Chiado, Lisboa**. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales Universitat de Barcelona. Vol. XXI. Núm. 569 1 de julio de 2017. Disponível em: DOI: https://doi.org/10.1344/sn2017.21.19342. Acesso em: 13 set. 2023

PAIVA, Daniel. **Teorias não-representacionais na Geografia II: Métodos para uma geografia do que acontece**. Rev. Finisterra. LIII (107), pp. 159-168, 2018. Disponível em: DOI: 10.18055/Finis10197. Acesso em: 13 set. 2023

SASKIA, Sassen. **Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global.** 1.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016. Disponível em: DOI: https://doi.org/10.22478/ufpb.2318-9452.2017v5n9.37581. Acesso em: 20 jul. 2023.

SILVA, Marcia Alves Soares da. **Por uma Geografia das Emoções**. GEOgraphia, v.18, n. 36, p. 99-119, 2016. Disponível em: DOI: https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2016.v18i38.a13775. Acesso em: 13 de set. 2023.

SILVA, Marcia Alves Soares da. **PENSAR E SENTIR PARA (RE)EXISTIR: Geografias emocionais e fotobiografias de estudantes de Geografia**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 10, n. 20, p. 258-283, jul./dez., 2020. Disponível em: https://doi.org/10.46789/edugeo.v10i20.775. Acesso em: 20 jul. 2023.

SOUZA, Angela Fagna Gomes de. **Geoetnografia: caminhos metodológicos para se pensar a pesquisa qualitativa na geografia.** In: EGAL: CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA SE PENSAR A PESQUISA QUALITATIVA, 14, 2013, Lima, Peru. Anais..., 2013a, s.p. Disponível em: http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/16.pdf. Acesso em: 14 set. 2022.